

Risco zero – a medida do possível

Susana Dias

A narrativa de combate ao risco marca a experiência contemporânea. A tônica é: não podemos mais conviver com o risco. Ao mesmo tempo há uma proliferação de novos riscos associados às ciências e tecnologias. Medir, calcular, prever, combater são as palavras de ordem. Ordenamentos que têm sido cada vez mais direcionados aos indivíduos, dos quais se identificam comportamentos, corpos, estilos de vida de risco e se exigem atitudes responsáveis que garantam a sobrevivência de nossa geração e das futuras. Quando o assunto é meio ambiente e saúde a narrativa de controle do risco focaliza o sujeito e enfraquece o papel do Estado. As ciências e tecnologias são consideradas úteis nesse processo, pois participam desde a definição do risco – a partir de verdades e certezas que estabelecem o que é seguro ou arriscado – ao desenvolvimento de objetos, técnicas e conhecimentos que visam uma gestão dos riscos.

Ciências e cientistas ganham não apenas apoio financeiro do Estado, mas legitimidade para participar das instâncias do governo e status de heróis, chamados a responder a cada catástrofe. Entender os efeitos do imperativo moderno da previsibilidade, a colonização do risco pelas ciências e pelo mercado e as consequências do deslocamento da relação risco-Estado para risco-indivíduo tem mobilizado pesquisadores das áreas mais diversas numa busca distinta: não o combate ao risco, mas um combate às narrativas que constroem o risco como algo a ser medido, calculado, governado e zerado.

Uma necessária abertura a um “risco poético”, é o que aposta Beatriz Furtado, da Universidade Federal do Ceará, que encontra no trabalho de alguns artistas, como o israelense Yael Bartana, a criação de zonas de risco. Em que se “abre ao impensável desse espaço, desse lócus, dessa imagem. Não há confirmação, nada se constata. É uma obra de risco, um risco poético, um risco que vem do movimento que nos faz entrar na imagem enquanto ela entra em nós. E a partir de então se dá o risco da experimentação, o lugar do possível” (leia o [artigo](#) “Imagens em risco”, publicado em agosto de 2008 na revista *Doc On line – Revista Digital de Cinema Documentário*).



Saúde - Estado riscado do mapa

Na área da saúde, a pesquisadora Sandra Caponi, do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), avalia que o risco e o Estado estavam imbricados no século XIX e houve um deslocamento dos riscos para as mãos das pessoas nos últimos anos – particularmente nos anos 1970 e de forma mais aguda a partir nos anos 1990. “Cabia ao Estado criar estruturas de proteção social. Ao mesmo tempo em que essa estrutura foi se debilitando, cada vez mais, as responsabilidades e a culpabilização foram deslocadas para o indivíduo e, atualmente, o Estado está ausente em relação ao risco”, analisa.

Na obra de Luis David Castiel e Carlos Álvarez-Dardet, *A saúde persecutória: os limites da responsabilidade*, publicado o ano passado pela Fiocruz, os autores tratam exatamente dessa passagem, de como há uma perseguição à saúde e uma insistência na necessidade de sermos mais responsáveis com nossas

ações. Seguir à risca o que os estudos epidemiológicos e ou genéticos elevaram ao estatuto de verdades evidentes; mudar comportamentos para adequar aos novos riscos; defender estilos de vida considerados desejáveis ou condenar estilos de vida considerados indesejáveis. “Atingir esse objetivo implica o conhecimento dos riscos, isto é, implica estarmos informados das últimas descobertas científicas, conhecer os discursos normativos que se derivam dessas supostas verdades e agir de modo responsável no cuidado de nosso corpo e de nossa saúde”, diz Caponi em [resenha](#) do livro de Castiel e Álvarez-Dardet.

No site destinado à pesquisa e ensino de bioética, do [Núcleo Interinstitucional de Bioética](#), o coordenador e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), José Roberto Goldim, manifesta sua preocupação com a percepção do risco, que, segundo várias pesquisas é [superestimado](#) pela população, percebida sempre muito superior ao que é calculado (leia [reportagem](#) sobre pesquisas de percepção do risco). “Uma explicação possível para esta ocorrência pode ser a característica cultural brasileira de evitar incertezas, de não saber conviver com riscos, paradoxalmente à realidade”, arrisca o médico Goldim.

Amortecimento do risco

No âmbito da questão ambiental a responsabilização dos indivíduos aparece como estratégia de negócios e o risco é capturado pelo mercado. “Há um amortecimento do risco quando se trata de sustentabilidade e economia-negócios”, analisa Leandro Belinaso Guimarães, biólogo e professor do programa de pós-graduação em educação da UFSC. Em seu projeto de pesquisa mais recente, ele investiga como as questões de sustentabilidade aparecem nas narrativas jornalísticas dos cadernos de economia e negócios do *Estado de S. Paulo* e do *Valor Econômico*. Na seleção que fez dos jornais, o pesquisador percebe que é na abordagem de assuntos relacionados à comunidade e projetos sociais que esses cadernos cedem espaço para as matérias sobre sustentabilidade, enquanto que nos espaços voltados à temática do meio ambiente o enfoque é o dos riscos oferecidos pelos modos de vida humanos ao planeta: catástrofes, desmatamentos, queimadas.

Para Belinaso, quando entram em jogo os negócios “ocorre um deslize de um humano que se configura como intruso – usando uma idéia do pensador francês Jean Luc-Nancy – para um humano que aparece aliado ao planeta. Uma aliança que se dá pelos benefícios tecnológicos, pelos saberes científicos, pela redução máxima do risco e que leva ao apaziguamento do mercado”. A saída, segundo ele, é a subjetividade responsável, de um indivíduo que se percebe como ambientalmente responsável. Se a abordagem do risco ambiental como perigo iminente termina por disseminar mais medo entre as pessoas, do que gerar a tão almejada sensibilização, o discurso do risco zero, pelo engajamento de pessoas e empresas nas causas ambientais, reduz o problema ao nível individual e à criação de projetos com a marca do social e ambientalmente correto.

Ao mesmo tempo em que o risco é amortecido e apresentado “sob controle”, quando a questão ambiental está atrelada ao desenvolvimento econômico – em jornais, revistas, cinema etc – os cientistas são apresentados como aqueles que se arriscam e oferecem argumentos e soluções. A aventura marca a série de vídeos do Programa de Pesquisas em Caracterização, Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade do Estado de São Paulo (Biota), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Esse é um dos elementos que Érica Speglich, bióloga e doutoranda da Faculdade de Educação da Unicamp, destacou em sua apresentação na mesa redonda “Quando a natureza é objeto expositivo” durante o [seminário MULTICIPLIimagens](#) que aconteceu no início de dezembro no Centro Estadual de Educação Supletiva Paulo Decourt, na Unicamp: “Caminhonetes e jipes encobertos de lama andando em estradinhas lamacentas em meio à floresta ou em campos perdidos no meio do cerrado. Equipamentos nos bolsos como revólveres na cintura de um *cowboy*. Caminhadas sem fim pelas matas. Imagens que ecoam sacrifícios, obstinação, aventura”. Os movimentos de medir, coletar, organizar, inventariar e catalogar a natureza se misturam à aventura e “naturalistas e pesquisadores se transformam em heróis, em prol da ciência, a lutar contra a fome, o calor, a sede, e insetos”, analisa Speglich.

Madel Teresinha Luz, num [artigo](#) em que debate “Risco, perigo e aventura na sociedade da (in)segurança: breve comentário” mostra como vivemos numa sociedade entre a obsessiva tentativa de cálculo probabilístico dos riscos, sobretudo na economia, e um cultivo do risco associado à coragem, bravura, espírito de equipe e solidariedade. Ambos constroem uma narrativa de um grande jogo de azar, no qual o Estado é incapaz de atuar, a economia é extremamente frágil, a ciência dará a solução, e cada um é convidado a gerir os seus riscos.

(Ar)riscar a verdade: ciências, mercado e Estado

A definição de risco aparece intimamente associada à definição de verdade. Para Sandra Caponi “a proliferação de riscos, temores e medos parece estar diretamente vinculada à multiplicação de discursos de

verdade. Discursos nos quais se reconhece, sem a menor crítica ou questionamento, um estatuto de cientificidade que parece indiscutível”. Caponi destaca que, cada vez mais, as ciências, os conhecimentos científicos e os cientistas fazem parte do Estado. O Estado, em contrapartida, investe vigorosamente em algumas linhas de pesquisa, laboratórios e a narrativa do risco confere legitimidade a determinadas pesquisas. “No campo da saúde, por exemplo, há pouco comprometimento da indústria com a produção de pesquisas e medicamentos para doenças que não são lucrativas – como malária, chagas, etc – e o Estado precisa, no mínimo, exigir uma contrapartida”, avalia.

O fato de nosso entendimento sobre o que é verdade estar associado também aos riscos que assumimos, às resistências que sustentamos, é enfatizado por Cesar Candiotti, do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Em [artigo](#) em que explora a história crítica da verdade, ele discute como, para o filósofo francês Michel Foucault, “a verdade tanto pode ser reivindicada como justificação racional para aqueles que procuram governar a conduta de outrem, quanto instrumento de resistência para aqueles que enfrentam tal condução a partir de uma contra-conduta ou atitude crítica”.

A complexidade das relações entre risco, ciência, mercado e Estado colocam em cheque a fórmula risco=perigo e as verdades dadas sobre o combate ao risco. A narrativa de combate ao risco aparece como potencialmente útil à governança das populações, ao mundo dos negócios, à aquisição de recursos e a definição de políticas públicas.